

Carl Gustav Jung

Por Valmir Perez

Autorregulação Consciente-Insconsciente

VIVEMOS NUM TEMPO ADMIRÁVEL. QUEM DO PASSADO, MESMO próximo, poderia suportar até onde chegaria a nossa capacidade inventiva? Mais do que apenas máquinas e robôs, construímos sistemas de comunicação, onde uma miríade de seres humanos viajores do planeta azul, a qualquer momento, está possibilitada a manter comunicação com outros, do outro lado do globo ou até mesmo fora dele.

Mas esses sistemas não oferecem apenas a possibilidade de comunicação verbal e sonora, nos escravizando somente a apenas um tipo de linguagem, mas nos presenteiam também com outras ferramentas, que nos colocam à disposição multimeios de expressão mais complexos. Podemos “dizer” o que pensamos e sentimos a um outro ou a um grupo, utilizando imagens – em sequência ou em movimento –, sons, músicas, desenhos livres e técnicos, tudo isso separadamente ou em conjuntos diversos. Tornamo-nos pequenos deuses! Dominamos as forças da comunicação! Basta movermos um dedo e... pronto! Outros seres são tocados instantaneamente por nosso poder criador.

Mas esse poder que nos foi dado também trouxe consigo uma espécie de maldição. Ao provarmos o doce sabor de nossa autoridade sobre o universo da comunicação e expressão, como anjos caídos, fomos confinados ao abismo da superficialidade, do esmiuçar a casca e esquecer a polpa. Tornou-se fácil demais conseguir a “informação”. Ela vem rapidamente através desse mesmo toque que a cria, porém, não vem em pequenas vagas calmas, mas como ondas enormes de tsunami. São tantas e tantas que nos chegam desesperadamente que não é possível barrá-las e coordená-las. A quantidade de suas aparições é sempre maior do que a nossa capacidade de vê-las chegando.

Conforme essas enormes vagas arrebatam nas praias de nosso consciente, não nos é possível de forma alguma contê-las. No máximo, podemos chegar a admirar uma pequena parte que estocamos entre as mãos em concha e, desesperados, percebemos esse pequeno universo escoar rapidamente por entre os vãos dos dedos. Esse se tornou o nosso castigo.

Essa nossa incapacidade de ir ao fundo das coisas, por simplesmente não darmos conta do recado, pode nos transformar em seres por demais superficiais. Sacerdotes do óbvio, discípulos do vazio. Mestres da futilidade. Da mesma forma que os nossos antepassados jamais poderiam ter imaginado a nossa sorte, a maioria de nós, pelas razões acima expostas, não consegue perceber que, no nosso caso, seria bem inteligente começar a prestar atenção no que isso poderá nos causar.

Outra faceta não menos importante da realidade que nos cerca é que a grande maioria das pessoas está presa a medos. Muitos deles são fabricados artificialmente e, é claro, alguns acabam se tornando verdadeiros tabus, impossíveis de serem dissipados. Geralmente estão ligados a questões mais materiais e imediatas, mas há outros, tais como os terroristas do mundo árabe, a nova cepa de malária no norte da Ásia ou da Escherichia Coli em países sul americanos. Há ainda os medos relativos à guerra na Síria, às armas atômicas dos iranianos – que devem ser as mesmas que nunca foram achadas no Iraque –, ao aumento da temperatura global que está afetando o clima do planeta por conta da nossa emissão de CO² (é preciso urgentemente avisar os marcianos, jupiterianos e as outras populações do sistema solar, para que parem de utilizar veículos à combustão, pois seus planetas também estão esquentando

e apresentando aumento de pressão). Porém, em determinados assuntos mais “sensíveis”, os medos da população são praticamente inexistentes. Dada a falha central de como somos levados a encarar as artes e as ciências da comunicação – juntando-se aí as falhas propositais de informação sobre assuntos ligados à psique humana, à propaganda, etc. – tende-se a relevar um aspecto extremamente importante: é muito difícil para o homem comum compreender que muitíssimo mais perigoso do que o vírus H1N1 são as formas de doenças mentais que, como uma verdadeira pandemia, podem “contaminar” populações inteiras, deixando-as totalmente indefesas à lógica e ao bom senso.

Alguns pesquisadores da mente, num passado nem tão distante assim, nos alertavam sobre isso e sobre as formas como eram sentidos esses sintomas pelas forças políticas. Pode-se questionar se realmente essas mesmas forças políticas mudaram suas posições sobre o assunto. Em seu livro “A Prática da Psicoterapia” Volume XVI/1, Jung nos relata o seguinte:

*“Num congresso sobre saúde pública, a posição da psicoterapia moderna é um tanto singular. Não tem como se referir a convenções internacionais, nem está em condições de dar conselhos bons e práticos aos legisladores e ministros da saúde. Ocupa um lugar modesto ao lado das grandes organizações e instituições criadas para o bem-estar público. Tem que se limitar ao atendimento pessoal, apesar das neuroses estarem tão assustadoramente disseminadas e não ser pequeno o lugar que ocupam entre as calamidades que afligem a saúde no mundo civilizado”*¹

As pessoas mais sensíveis a essas doenças e que correm mais perigo de contágio, são aquelas em que o nível consciente possui uma forma peculiar de enxergar o mundo. Geralmente, essas pessoas percebem a existência de maneira fragmentária. Não possuem um olhar abrangente para as situações e são determinadas por conceitos que as levam a particionar a realidade externa e interna. São essas mesmas pessoas que apoiam regimes autoritários, campanhas públicas de publicidade de todos os tipos e aceitam como verdade coisas que jamais tiveram a paciência e inteligência para questionar e se aprofundar.

Surpreendem-se geralmente quando algo não sai bem com a lógica do que lhes foi ensinado e que os levou a apoiarem determinado projeto. Admiram-se ao constatar que o projeto não era tão bom quanto lhes foi dito e explicado e que falhas enormes existiam no

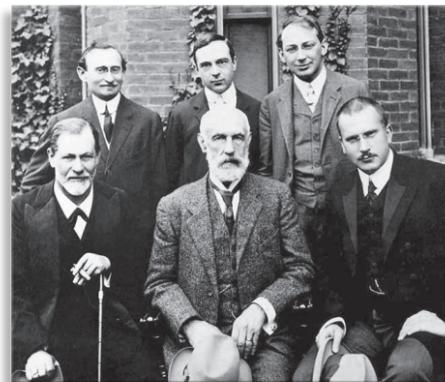
conceito original. Outra questão que pode ser abordada é a seguinte: no mundo contemporâneo, das horas contadas e dos débitos mensais, qual o lugar do inconsciente? Qual o valor que lhe é dado por essa engrenagem impulsionadora?

É notório que no mundo máquina – aquele em que é exigido do indivíduo o máximo de sua “lucidez” ou pensamento prático, onde “quanto mais retorno eficiente, mais pontos a se ganhar” – o homem que vivencia mais esse seu lado consciente, torna-se o mais respeitado, mais valorizado e, portanto, ocupa os melhores espaços de poder. A nossa contraparte consciente é responsável pela evolução de nossa maneira de viver, nos proporcionando melhores condições de vida, portanto, os indivíduos que determinam a continuidade desses padrões estão colocados à frente dos demais.

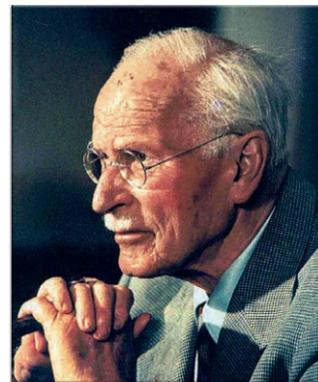
Já aqueles outros, os indivíduos cujos padrões mentais estão abertos aos fluxos inconscientes, acabam por se tornarem obstáculos ao bom funcionamento da máquina. Seus rompantes criativos são empecilhos virais dentro dos processos de produção. Mas há exceções, pois...

*“A natureza determinada e dirigida da consciência é uma aquisição extremamente importante que custou à humanidade os mais pesados sacrifícios, mas que, por seu lado, prestou o mais alto serviço à humanidade. Sem ela, a ciência, a técnica e a civilização seriam simplesmente impossíveis, porque todas elas pressupõem persistência, regularidade e intencionalidade fidedignas do processo psíquico. Estas qualidades são absolutamente necessárias, desde o funcionário mais altamente colocado até o médico, o engenheiro e mesmo o simples “boia-fria”. A ausência de valor social cresce, em geral, à medida que estas qualidades são anuladas pelo inconsciente, mas há também exceções como, por exemplo, as pessoas dotadas de qualidades criativas. A vantagem de que tais pessoas gozam consiste precisamente na permeabilidade do muro divisório entre a consciência e o inconsciente. Mas para aquelas organizações sociais que exigem justamente regularidade e fidedignidade, estas pessoas excepcionais quase sempre pouco valor representam.”*²

O que fazer então? Como resolver esse problema, principalmente no universo das atividades que exigem tanto comportamentos criativos como aqueles relacionados à confiabilidade e seriedade? Como projetistas de iluminação podem chegar ao equilíbrio desses processos, criando condições para que suas obras sejam



Círculo de Freud



Jung

carregadas de poder expressivo inovador e, ao mesmo tempo, seus compromissos com a racionalidade e previsibilidade possam ser respeitados? Talvez a resposta possa estar dentro de nós mesmos, o que veremos mais adiante quando analisarmos alguns aspectos da obra de uma das maiores mentes do século XX.

A descoberta da nossa contraparte inconsciente feita por Sigmund Freud³ foi um dos avanços mais importantes do conhecimento humano, mas foi o começo de uma longa jornada, que até o presente momento se estende e, certamente, iluminará nosso futuro. Mas sempre que algo é desvendado e revela a incrível complexidade da mente humana, outras dúvidas surgem e transformam o que é tomado como completo e verdadeiro em algo muito mais amplo e profundo.

À medida que Freud ia compreendendo aspectos obscuros do funcionamento da mente e encarando suas descobertas como conhecimento estável, outros pesquisadores observavam que nem todas as suas teorias e experimentos eram passíveis de resultados positivos. Isso fez com que alguns deles, em determinado momento, avançassem as suas teorias, trazendo também outras facetas da realidade interior dos seres humanos.

O exemplo mais claro de como a psicanálise foi debatida e, em determinado momento, considerada incompleta, não surgiu na distância da língua ou geográfica, mas dentro mesmo do círculo mais íntimo dos iniciados de Freud. Para ser mais exato, Freud foi questionado por seu discípulo mais próximo. Jung era a pedra fundamental em que Freud pensara em assentar a sua "igreja", mas o psiquiatra e psicoterapeuta suíço demonstrou que é sempre possível transcender quaisquer paradigmas.

A fundação da psicologia analítica vai muito além das relações entre a sexualidade freudiana. As ideias de Jung transcendem a visão do homem como indivíduo separado do outro e nos coloca dentro do mar

infinito do tempo e do espaço, do laço que nos une nos campos invisíveis da mente.

Jung também proporia, através de suas pesquisas e resultados colhidos junto à convivência com seus pacientes, que a mente humana é um sistema de forças de energia, onde consciente e inconsciente participam de um processo dialético. Kathy Amorim Marcondes, professora do Departamento de Psicologia da UFES, em seu excelente ensaio sobre a psicologia analítica de Jung nos revela que,

*"A psicologia analítica adota uma perspectiva energética da psique humana que é a base de seu entendimento da dinâmica psíquica. Através desse princípio energético é vedada a possibilidade de se entender a psicologia ou a personalidade humana de forma estanque, contendo compartimentos isolados uns dos outros. Os conceitos que envolvem o funcionamento e dinamismo da psicologia humana devem, necessariamente, coadunar-se com os princípios de funcionamento da mecânica energética, como qualquer outro sistema movido à energia. Por isso Jung conceitua (no sentido de representar um objeto de estudo através do pensamento) a psique e o corpo humano como diferentes níveis de organização de sistemas energéticos; ou seja, o "psíquico" e o "corporal" sendo ambos movidos por energia, e sendo "energia" a mesma em cada um desses sistemas, torna-se forçoso admitir que manteriam várias características de funcionamento necessariamente semelhantes. Assim a dinâmica psicológica, para Jung, não é movida por uma energia sexual (a libido freudiana) nem por uma entidade conceitual abstrata ou transcendental e sim pela energia comum aos processos vitais."*⁴

Carl Gustav Jung nasceu em Kesswil, cantão da Turgóvia, Suíça, em 26 de julho de 1875. Filho de um reverendo, o qual lhe transmitiu desde cedo as intuições do sentimento religioso, também teve próximo na infância, a mãe, uma mulher notável que, segundo ele, era dotada de uma capacidade extraordinária de obser-

vação e compreensão das forças interiores dos seres e objetos. Em suas palavras, sua mãe era uma pessoa que "conseguia ver homens e coisas tais como são".

No ano de 1900, com 25 anos de idade, cursando medicina, foi convidado a frequentar a clínica psiquiátrica Bugholzli, em Zurique, Alemanha, ali montando em 1904 um laboratório onde faria os primeiros testes de associação de palavras visando a melhoria do diagnóstico psiquiátrico.

Aos 30 anos, receberia convite para assumir a cátedra de professor de psiquiatria na Universidade dessa importante cidade, mas já em 1902 estivera em Paris estudando com Pierre Janet⁵. Foi nesse momento que teve acesso às obras de Freud e percebeu que suas pesquisas e pensamentos viajavam em trilhos paralelos aos do médico austríaco. Inicia também nesse momento a troca das famosas cartas com Freud, porém o famoso encontro entre os dois, cujo diálogo se estendeu por treze horas ininterruptas, somente se daria em 27 de fevereiro de 1907.

Apesar da impressionante identidade nas maneiras de pensar a psicologia, nem Jung nem Freud jamais chegaram a aceitar totalmente as preposições individuais, um do outro. Jung não conseguia aceitar a tese de Freud, a qual afirmava que todo e qualquer conflito psicológico devia sua origem a traumas ligados à sexualidade. Por outro lado, Freud considerava que Jung baseava algumas de suas premissas em questões espirituais, o que, para uma mente tão fortemente arraigada ao mecanicismo corrente, soava como verdadeiro absurdo. Essa relação acabou por se deteriorar profundamente nos anos 30 do século XX.

Quando se dá o rompimento com Freud, Jung inicia um processo de interiorização, com o intuito de amenizar o impacto desse acontecimento em sua vida. Empresta dos antigos alquimistas uma técnica a qual denomina de "Imaginação Ativa". Tal técnica consiste em nos relacionarmos emocionalmente com o nosso inconsciente de maneira ativa, aberta e livre, mergulhando nas informações desse universo, num verdadeiro embate interior. Dessa forma, passamos à vivência dessa nossa outra realidade, equilibrando o fluxo consciente-inconsciente.

Após passar algum tempo em contato com esse fluxo de "informações" inconscientes, Jung descobre ainda que além do nosso inconsciente pessoal e único, existe um que opera ininterruptamente em nós, na camada mais profunda de nossa psique, abrangendo a todos, desde a aurora dos tempos. Denominou esse

universo de "inconsciente coletivo", pois esse seria o nosso manancial inconsciente herdado da totalidade da raça humana, permeado pelos arquétipos, um fluxo ontológico de dados os quais trazemos em nosso interior e que são acessados por nós através dos sonhos, da meditação, da divagação, nos mitos, etc.

Ao entrar em contato com sistemas de pensamentos não ocidentais, Jung acabaria por entender também que os mitos estão prechos de informações da psique coletiva. Emprestando o termo do filósofo Platão⁶, denominou as imagens e os modelos primordiais da humanidade de "arquétipos". Esses arquétipos formam a base imagética e modular ontológica da criação. As imagens e ideais arquetípicas, encontradas nos mitos, seriam para a raça humana a fonte primeira de nossa mente coletiva.

Mais além, Jung percebeu que a análise freudiana dos sonhos, que buscava extrair os traumas e complexos dos indivíduos, não era o único caminho possível; conta ele o seguinte:

"Freud atribui aos sonhos uma importância especial como ponto de partida para o processo de livre associação. Mas, depois de algum tempo, comecei a sentir que esta maneira de utilizar a riqueza de fantasias que o inconsciente produz durante o sono era, há um tempo, inadequada e ilusória. Minhas dúvidas surgiram quando um colega contou-me uma experiência que teve numa longa viagem de trem através da Rússia.

Apesar de não conhecer a língua e nem mesmo decifrar os caracteres do alfabeto cirílico, ele começou a divagar em torno de estranhas letras dos anúncios das estações por onde passava, e acabou caindo numa espécie de devaneio, pondo-se a imaginar todo tipo de significação para aquelas palavras.

Uma ideia leva à outra e, nesse estado de relaxamento em que se encontrava, descobriu que esta livre associação despertara nele muitas lembranças antigas. Entre elas, ficou desagradavelmente surpreendido com a descoberta de alguns assuntos bem incômodos e há muito sepultados na sua memória – coisas que desejara esquecer e que conseguira esquecer conscientemente. Na verdade, chegar ao que os psicólogos chamariam de seus "complexos" – isto é, temas emocionais reprimidos capazes de provocar distúrbios psicológicos permanentes ou mesmo, em alguns casos, sintomas de neurose.

Este episódio alertou-me para o fato de que não seria necessário utilizar o sonho como ponto de partida para o processo da livre associação quando se quer

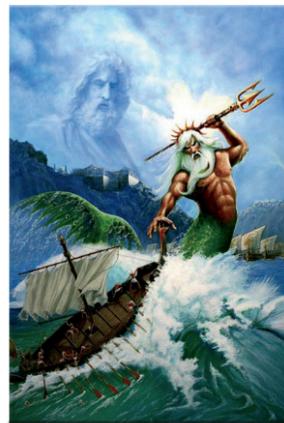


descobrir os complexos de um paciente. Mostrou-me que podemos alcançar o centro diretamente de qualquer dos pontos de uma circunferência, a partir do alfabeto cirílico, das meditações sobre uma bola de cristal, de um moinho de orações dos lamaístas, de um quadro moderno, ou até mesmo de uma conversa ocasional a respeito de qualquer banalidade. O sonho não vai ser nesse particular mais ou menos útil do que qualquer outro ponto de partida que se tome. No entanto, os sonhos têm uma significação própria, mesmo quando provocados por alguma perturbação emocional em que estejam também envolvidos os complexos habituais do indivíduo. (Os complexos habituais do indivíduo são pontos sensíveis da psique que reagem mais rapidamente aos estímulos ou perturbações externas). É por isso que a livre associação pode levar de um sonho qualquer aos pensamentos secretos mais críticos.⁷

Indo ao encontro das ideias de Ilya Prigogine⁸ e de outros cientistas que estudavam a autorregulação de sistemas complexos, percebi ao trabalhar com seus inúmeros pacientes que a psique é constituída de elementos também autorreguladores. Que esses elementos processuais são responsáveis pelo equilíbrio energético da mente e de suas contrapartes consciente e inconsciente, individual e coletivo. Nas palavras de Marcondes,

“Uma das mais importantes contribuições da psicologia analítica é a concepção de diversos mecanismos de autorregulação da psique. As diferenciações dos níveis consciente e inconsciente, pessoal e coletivo (...) e os processos energéticos de balanceamento entre esses níveis psíquicos operam, segundo Jung, de forma autorregulada. Não apenas a volição, que marca as escolhas do ego de um sujeito e que apresentam a sua vontade consciente, determina mudanças, opções, tendências, pendores, atitudes ou comportamentos. Outros “mecanismos psíquicos” também interferem na dinâmica global com o objetivo

Posseidon



Orixás

autorregulador: os SONHOS, a PRODUÇÃO ARTÍSTICA e cultural, a PARTICIPAÇÃO RELIGIOSA e social e o próprio impulsivo SINTOMA NEURÓTICO são tentativas autorregulatórias da psique. Essa percepção permite visualizar claramente que tanto as escolhas que buscam a satisfação conscientemente orientada quanto os mecanismos inconscientes e culturais são formas positivas de contribuição para o equilíbrio global e para o crescimento psicológico daquela pessoa humana em particular. Nestes “mecanismos” podemos perceber as interações dos diferentes níveis psíquicos atuando, muitas vezes, conjuntamente.⁹

Observamos em Jung ideias que nos fazem pensar, principalmente na atualidade, em como nossa maneira “ocidental” de vivenciar os fatos nos levou a criar arcaísmos incompletos de percepção do mundo, da natureza da mente e da vida que nos cerca. As novas teorias da física, entre elas as que se reportam ao campo unificado universal, nos fazem questionar sobre processos que ele se debruçou incansavelmente, tal como a sua teoria das “sincronicidades”.

Para melhor entendimento do leitor sobre o que isso significa, vou relatar um fato pessoal que me ocorreu há alguns anos.

Na década de 80, quando iniciei meus estudos sobre as teorias do campo quântico, fiquei sabendo que Fritjof Capra havia lançado o seu famoso livro “O Ponto de Mutação”¹⁰. Na época, com poucos recursos e ávido por conhecimento, procurei uma das bibliotecas da universidade, na tentativa de encontrar esse livro em língua portuguesa. Dirigi-me à biblioteca da Faculdade de Educação da Unicamp, pois ali, sabia eu, sempre encontrara novos lançamentos. Lá chegando, encontrei um amigo que trabalhava como bibliotecário. Ele então me orientou a procurar essa referência nos arquivos de fichas catalográficas (o que era usual na época antes da implantação dos sistemas informatizados).

Procurei várias vezes e não conseguia encontrar a ficha, o que era sinal claro que a biblioteca não possuía ainda o tal texto. Porém, alguma coisa me dizia que eu iria encontrar esse livro naquele lugar. Fiquei insistindo com o amigo para que ele fizesse uma busca mais apurada em outros de seus registros. Já quase sendo expulso delicadamente por minha insistência, resolvi entrar na sala de estantes para que eu mesmo pudesse comprovar pessoalmente a falta do material.

Meu amigo me seguiu, enquanto tentava me persuadir a desistir da minha busca. Fui passeando com ele ao meu lado pelos corredores e no momento em que ele já começava a rir de minha estupidez foi quando, naquele mar de livros, olhei sobre a sua cabeça e vi o que procurava. Estiquei o braço e desci com a obra em mãos. Ao ver que eu folheava aquilo que vinha procurando, não escondeu a sua admiração. Parecia que eu havia feito uma mágica na sua frente.

Como um louco, voltou aos armários de fichas catalográficas numa busca inútil. Foi quando teve que admitir que a obra não havia sido catalogada corretamente por um dos funcionários do local e estava ali, onde deveria estar, mas não existia uma ficha para ela.

Mas não acaba por aí. O livro de Capra fala sobre os novos paradigmas que começamos a vislumbrar após as descobertas no campo da mecânica quântica, cujas características lembram às das antigas tradições, que falam sobre a existência de um campo de energia universal, o qual permeia toda a nossa realidade sensível e suprasensível.

Na quarta capa do livro, o editor colocou a imagem de um dos hexagramas do I Ching, “O Livro das Mutações”¹¹, o antigo oráculo chinês, cujo prefácio do livro traduzido por Richard Whilhem é do próprio Jung. Esse símbolo, cujo nome é “Fu”, ou “O Retorno”, evoca exatamente isso: o retorno do conhecimento sagrado. Capra escolheu essa imagem por se tratar de um símbolo bastante forte dos assuntos que trata em seu livro. Mas não para por aí.

Como também um estudante do I Ching e da sua história, chegando a minha casa resolvi jogar as moedas e questionar o oráculo sobre qual a maneira mais apropriada que eu deveria adotar a fim de receber os ensinamentos e conhecimentos do livro que tinha em mãos. Qual não foi a minha surpresa ao jogar a última das seis sequências de três moedas e perceber que o hexagrama resultante era exatamente “Fu”, ou “O Retorno”, o mesmo escolhido por Capra para a quarta capa do “Ponto de Mutação”.

Jung denomina sincronicidade a esse tipo de evento. A sincronicidade é mais do que as simples coincidências

que presenciamos durante as nossas vidas. A sincronicidade está acima da causalidade e refere-se às coincidências significativas, que nos levam a situações onde não apenas a causalidade está em jogo, mas – e isso se relaciona objetivamente à visão mística das tradições do oriente – às ocorrências sincrônicas carregadas de significados, que transcendem por sua vez as relações normais de espaço e tempo.

Os cientistas modernos encontraram no universo subatômico alguns dos mesmos comportamentos e processos vivenciados e relatados pelas tradições antigas, de povos de variadas partes e épocas da humanidade. Dos Xamãs descendentes de povos Maias e Astecas aos monges Zen Budistas do alto Tibet.

Jung então percebe que “algo” mais entra no jogo da vida. Que o pensamento ocidental, impregnado da lógica materialista e imediatista, percebe apenas uma fração de toda a realidade. Que estamos mergulhados num mar de energia e que somos influenciados por ele, já que nossos sistemas biológico e psíquico são construídos sobre bases energéticas, nelas se assentando e trocando informações.

Compreende ainda que tanto nosso inconsciente individual e coletivo como sua contraparte consciente flutuam e oscilam de forma que possam estar sempre trocando fluxos de energia, se autorregulando. Que a meta do psicólogo é fazer com que o indivíduo realize totalmente sua personalidade, que é única e ao mesmo tempo universal, e, para tanto, caminha lado a lado com o paciente, fazendo-o perceber as origens de seus traumas mais profundos e orientando-o no sentido de lidar com os processos interiores de maneira equilibrada, sem se deter a métodos particulares e padronizados, pois cada um reage e sente sua individualidade de maneira única.

A esse conceito dá o nome de “individuação”.

“O conceito de individuação não representa papel de somenos em nossa psicologia. De modo geral, pode-se dizer que a individuação é o processo de constituição e particularização da essência individual, especialmente o desenvolvimento do indivíduo – segundo o ponto de vista psicológico – como essência diferenciada do todo, da psicologia coletiva. A individuação é, portanto, um processo de diferenciação cujo objetivo é o desenvolvimento da personalidade individual. A necessidade de individuação é natural, enquanto o impedimento da individuação por uma normalização exclusiva e preponderante, de acordo com os padrões coletivos, será prejudicial para a atividade

*vital do indivíduo, para a sua vivência pessoal.”*¹²

Creio que neste momento podemos nos voltar a esse assunto bastante interessante, o qual se relaciona diretamente a um dos aspectos principais que fazem parte do leque abrangente das atividades exercidas pelos projetistas de iluminação. Trata-se daquele em que a dialética sadia entre o consciente e o inconsciente é fundamental para que o profissional tenha as suas possibilidades criativas em pleno transbordamento, equilíbrio e liberdade.

Quando Jung percebe que as pessoas mais criativas são aquelas que se abrem mais ao fluxo de energias que provém da contraparte inconsciente, não quer dizer que essas pessoas, obrigatoriamente, passem a flertar com a insânia ou a conviver com surtos de neurose criativa.

Descobre sim que, ao lidarmos equilibradamente com o fluxo e refluxo de energia que vai do inconsciente ao consciente, e vice-versa, o que certamente nos levará a um fluxo maior de criatividade, estaremos também nos curando.

Embora, sempre que nos desviarmos demais dos caminhos sadios dessa dialética, poderemos contar com um sistema de autorregulação universal, pois,

*“Assim os arquétipos permanecem “velando” pelo desenvolvimento humano e “emergem” na consciência quando o indivíduo compromete seu equilíbrio psíquico.”*¹³

Devemos também estar cientes de que as pressões modernas por uma padronização dos seres humanos, tanto da parte de governos quanto das poderosas corporações, cujas agendas visam obter facilidade de controle sobre nossas escolhas e posicionamentos, podem afetar nosso equilíbrio mental, ao mesmo tempo que pressionam o fluxo normal de nossa criatividade.

Faz-se necessário então, o posicionamento firme dos profissionais criativos no sentido de que padrões também estão aí para serem subjugados por nossa criatividade natural. Se não permitirmos que o fluxo de energia inconsciente flua equilibradamente nos possibilitando a tomada de nossa individualidade, além de estarmos contribuindo para a pragmatização da sociedade estaremos também contribuindo para nosso desequilíbrio pessoal.

Um trabalho fidedigno e confiável pode e deve também ser um trabalho criativo e não apenas uma cópia de um modelo sem vida. Jung nos abre ainda a perspectiva de que talvez a nossa visão materialista

da vida, tão invocada e consagrada pelos setores de produção e administração mundiais, jamais irá satisfazer nosso impulso interior que é, antes, a essência de nossa constituição. Nossos mecanismos tanto biológicos quanto psíquicos trazem escrito a fogo o nome de nossa alma.

Por fim, talvez, devêssemos compreender que o fluxo incessante de informações que nos invade, nesse constante bombardear de velhas novidades, é apenas coisa gasta, sem sentido sagrado. Quem sabe então devêssemos compreender que os mitos vivos de nossa ancestralidade são os guardiões de nossa

verdadeira existência e que estão e estarão sempre aqui para nos lembrar de quem realmente somos.

*“Infelizmente a razão e a pedagogia, com frequência, carecem de encanto e graça, e assim, afinal, o oráculo talvez não se tenha enganado”.*¹⁴ ◀



Valmir Perez

é lighting designer, graduado em Artes e mestre em Mídias. É responsável pelo Laboratório de Iluminação da Unicamp, onde desenvolve projetos de iluminação, captação de imagens e de softwares, além de ministrar cursos, workshops e palestras. Contato – valmiroperez@gmail.com / www.iar.unicamp.br/lab/luz.

1 - JUNG, C. Gustav. A Prática da Psicoterapia. Rio de Janeiro, RJ: Editora Vozes Ltda. 2009. pág. 27. 2 - JUNG, Carl G. A Natureza da Psique. Rio de Janeiro, RJ: Editora Vozes Ltda. 2000. pág. 2. 3 - Sigmund Schloomo Freud2 (Pribor, 6 de maio de 1856 — Londres, 23 de setembro de 1939), mais conhecido como Sigmund Freud, formou-se em medicina e especializou-se em Neurologia, tendo logo a seguir criado a Psicanálise. Freud nasceu numa família judaica, em Freiberg in Mähren, na época pertencente ao Império Austríaco. Atualmente a localidade é denominada Příbor, na República Tcheca. Wikipédia a Enciclopédia Livre. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Freud> Em 28-09-2013. 4 - MARCONDES, K. Amorim. Introdução à Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung. Programa de extensão Universitária portas - UPES. <http://www.portas.ufes.br/sites/www.portas.ufes.br/files/Jung.pdf>. Em 25/09/2013. 5 - Pierre-Marie-Félix Janet, conhecido simplesmente como Pierre Janet, (Paris,30 de maio de 1859 — Paris, 24 de fevereiro de 1947) foi um psicólogo, psiquiatra e neurologista francês que fez importantes contribuições para o estudo moderno das desordens mentais e emocionais envolvendo ansiedade, fobias e outros comportamentos anormais. Está classificado ao lado de William James e Wilhelm Wundt como um dos fundadores da psicologia. Wikipédia a Enciclopédia Livre. http://pt.wikipedia.org/wiki/Pierre_Janet Em 28/09/2013. 6 - Platão (em grego antigo: Πλάτων, transl. Plátōn, "amplo", 1 Atenas, nota 1428/427nota 2 – Atenas, 348/347 a.C.) foi um filósofo e matemático do período clássico da Grécia Antiga, autor de diversos diálogos filosóficos e fundador da Academia em Atenas, a primeira instituição de educação superior do mundo ocidental. Juntamente com seu mentor, Sócrates, e seu pupilo, Aristóteles, Platão ajudou a construir os alicerces da filosofia natural, da ciência e da filosofia ocidental. Acredita-se que seu nome verdadeiro tenha sido Aristocles. Wikipédia a Enciclopédia Livre – <http://pt.wikipedia.org/wiki/Plat%C3%A3o> Em 29/09/2013. 7 - JUNG, Carl G. O Homem e Seus Símbolos. Rio de Janeiro, RJ: Editora Nova Fronteira S/A. 1992. 26 e 27 págs. 8 - Ilya Prigogine (em russo: Илья Романович Пригожин) (Moscou, 25 de Janeiro de 1917 — Bruxelas, 28 de Maio de 2003) foi um químico russo naturalizado belga. Recebeu o Nobel de Química de 1977, pelos seus estudos em termodinâmica de processos irreversíveis com a formulação da teoria das estruturas dissipativas. Estudou química na Universidade Livre de Bruxelas, Bélgica. Em 1959, foi indicado diretor do Instituto Internacional Solvay, em Bruxelas. Foi professor da Universidade Livre de Bruxelas e da Universidade do Texas, Austin, onde, em 1967, foi cofundador do atual Centro Para Sistemas Quânticos Complexos. Foi agraciado com o título de visconde. Wikipédia a Enciclopédia Livre http://pt.wikipedia.org/wiki/Ilya_Prigogine Em 29/09/2013. 9 - MARCONDES, K. Amorim. Introdução à Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung. Programa de extensão Universitária portas - UPES. <http://www.portas.ufes.br/sites/www.portas.ufes.br/files/Jung.pdf>. Em 28/09/2013. Pág. 4. 10 - CAPRA, F. O Ponto de Mutação. São Paulo, SP: Cultrix c1982. 11 - WILHEM, R. I Ching – O Livro das Mutações. São Paulo, SP: Pensamento, 1987. 12 - MARCONDES, K. Amorim. Introdução à Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung. Programa de extensão Universitária portas - UPES. <http://www.portas.ufes.br/sites/www.portas.ufes.br/files/Jung.pdf>. Em 28/09/2013. pág. 13. 13 - MARCONDES, K. Amorim. Introdução à Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung. Programa de extensão Universitária portas - UPES. <http://www.portas.ufes.br/sites/www.portas.ufes.br/files/Jung.pdf>. Em 28/09/2013. pág. 13. 14 - Frase de Jung no prefácio ao I Ching De Richard Wilhelm, na qual ele cita Confúcio e Sócrates. O primeiro recebe do I Ching, uma só resposta imprópria, o hexagrama 22 "Graciosidade", um hexagrama totalmente estético. E Sócrates recebe de seu Daimon, a sugestão para que se volte também para a música. A partir daí, Sócrates começa a tocar flauta. (Nota do autor).